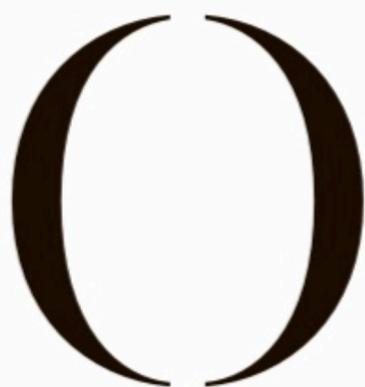




MAIOR DIMENSÃO

EM NOVO LIVRO, O RABINO
NILTON BONDER INTERPRETA
A SEXUALIDADE A PARTIR DE
TEXTOS BÍBLICOS E DIZ QUE
GÊNERO E AMOR NÃO SE
RESUMEM À BIOLOGIA

Por MARCIA DISITZER
Foto LEO MARTINS



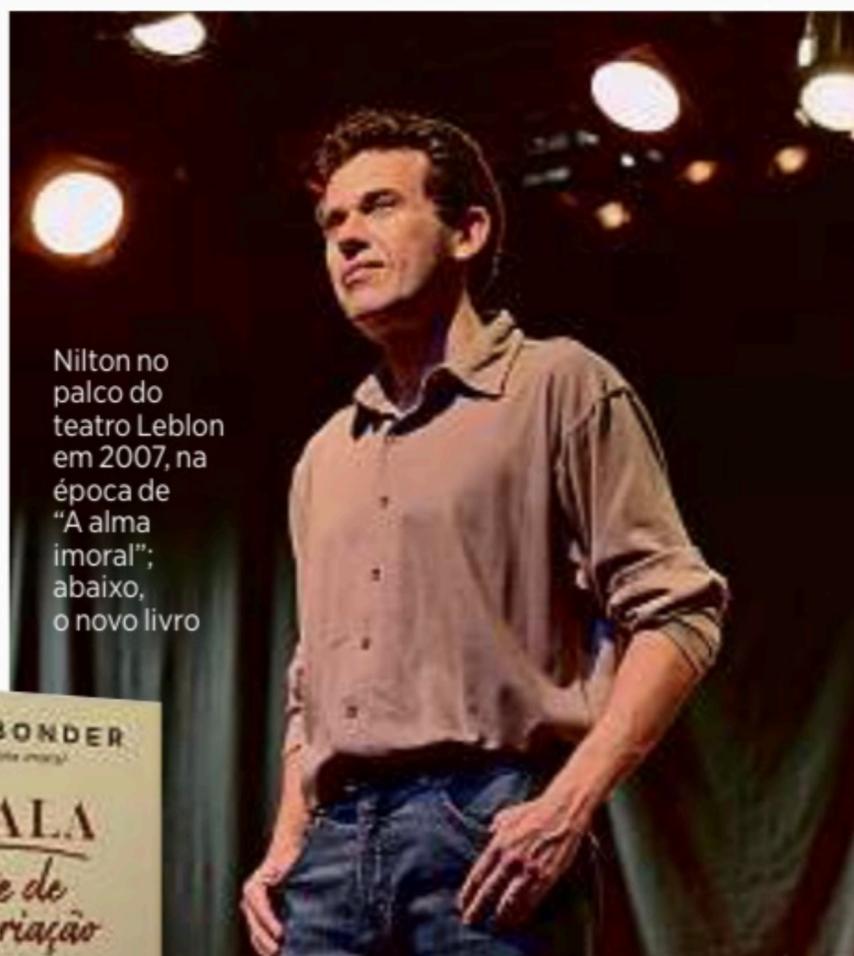
gaúcho Nilton Bonder, de 63 anos, acumula 35 de rabinato. À frente da Congregação Judaica do Brasil, radicado e atuante no Rio, Bonder é o nome de maior destaque de sua geração e conhecido pelo olhar progressista diante dos mais variados assuntos.

A trajetória como escritor também é um sucesso: em 1998, publicou “A alma imoral”, livro adaptado para os palcos pela atriz Clarice Niskier. A peça ficou 14 anos em cartaz, levou mais de 600 mil de espectadores ao teatro e deu origem ao documentário homônimo de Silvio Tendler. Com mais de 20 títulos lançados, ele surpreende novamente no quarto volume da série “Reflexos e Refrações”, da editora Rocco, por tocar num assunto que, pelo senso comum, não seria discutido por um rabino, o sexo. E vai além. De acordo com a sua interpretação, no judaísmo, o gênero não é binário e está em um lugar que convida à autonomia do ser.

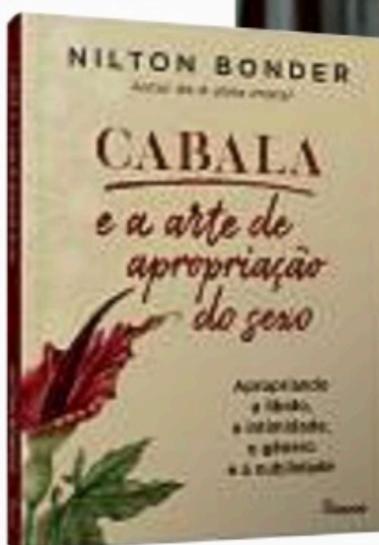
Em “Cabala e a arte de apropriação do sexo”, com orelha de ninguém menos que Ney Matogrosso, Bonder faz uma releitura do tema a partir do Antigo Testamento. “Abordo quatro dimensões da sexualidade humana: libido, intimidade, gênero e nubilidadade (*idade em que a pessoa está apta a casar*). Todas elas são eróticas”, explica. A escolha de Ney para acompanhá-lo tem a ver com a liberdade do cantor. “É um personagem muito importante na sexualidade do Brasil, desde os anos 1970”, analisa. “Ele ampliou a questão de gênero sem fazer ativismo”, emenda. “Nilton apresenta uma maneira atual, moderna e, ousado dizer, transgressora de se referir a um assunto que ainda hoje não se fala nas casas das pessoas e sobre o qual nunca ouvi uma palavra sequer dentro da minha”, escreve Ney.

O rabino abre o livro dissecando o primeiro elemento formador da sexualidade, o impulso físico, presente na criação do macho e da fêmea. “É representado pela libido, que é febril, orgânica e vem da natureza”, declara. O segundo, na sequência, é a intimidade. “Em textos do ‘Gênesis’, há uma preocupação do Criador de o ser humano não ficar só. Porém, ao contrário da libido, a intimidade não é febril. É uma floração e se dá por meio do cortejar e da aproximação. Não é frontal, é lateral”, descreve.

Bonder complementa o quarteto-base da sexualidade dissertando sobre o gênero e a nubilidadade. Segundo ele, “são justamente essas referências que nos diferem de outros animais”. O escritor ressalta que a discussão em torno da questão de gênero, tão em evidência nos dias de hoje, acompanha a Humanidade há muitos séculos. “Está presente



Nilton no palco do teatro Leblon em 2007, na época de “A alma imoral”; abaixo, o novo livro



desde a Antiguidade. Atualmente, tem sentido mais amplo, libertário e de autonomia do corpo”, avalia. “O fato de termos biologia binária não determina nossa sexualidade. A minha leitura mostra que, ao

alcançar a dimensão intelectual, vem a vontade de encontrar um parceiro sexual identitário que não é, necessariamente, binário. O ser humano tem, então, essa escolha”, defende.

Bonder faz questão de frisar que não escreveu o livro para levantar bandeira alguma. “Minha intenção é pensar sobre a sexualidade de maneira orgânica e também à luz da sabedoria judaica. Não vou atender nem a liberais nem a conservadores”, diz, sem medo de polêmica.

É nesse movimento descolado de julgamentos que ele inclui, por último, a nubilidadade. “O desejo núbil, de se casar, faz parte da sexualidade. A vontade de construir uma família ou mesmo um projeto provoca excitação. A nubilidadade é febril e tem até aspectos de uma loucura”, observa. “Mesmo na diversidade de gênero, essa busca permanece, não ficou ultrapassada.” Para o rabino, a sexualidade é definida pela composição desses quatro elementos. ▶

“NILTON APRESENTA UMA MANEIRA MODERNA E ATUAL DE SE REFERIR A UM ASSUNTO QUE AINDA HOJE NÃO SE FALA NAS CASAS DAS PESSOAS”

NEY MATOGROSSO, CANTOR



O rabino na
sinagoga da
Barra da
Tijuca, em
2007

Num mundo tão polarizado, Bonder diz ter tentado ocupar outro espaço. “As pessoas ou têm ideias do passado ou apostam tudo em novas perspectivas diante do sexo. No livro, procuro desconstruir o conceito de que temos maestria sobre essa área tão sensível que é a sexualidade.”

Ao todo, a série “Reflexos e Refrações” terá sete volumes — outros já lançados são “Cabala e a arte de manutenção da carroça: lidando com a lama, o buraco, o revés e a escassez”, “Cabala e a arte do tratamento da cura: tratando a dor, o

“TODOS NÓS FOMOS ATROPELADOS PELA VULNERABILIDADE. A COVID-19 FOI UM BANHO DE HUMILDADE NA HUMANIDADE”

NILTON BONDER, RABINO E ESCRITOR



sofrimento, a solidão e o desespero” e “Cabala e a arte da preservação da alegria”. Ele lembra que a cabala, apesar de ter ficado conhecida como uma espécie de autoajuda, é uma plataforma. “Transformou-se numa coisa pop, em leituras que querem chegar a algum tipo de recompensa, com o que eu não corroboro”, diz. “Cabala, para mim, é uma chave interpretativa. Meus livros não têm uma busca mística, mas sim o desejo apresentar uma arquitetura para se pensar uma determinada temática”, define.

No perfil do Instagram, o rabino também está on: no fim de março, estreou uma série chamada “Minuto com Bonder”, em que promove breves leituras reflexivas “no sentido de conectar as pessoas com ciclos sistêmicos da vida”. “As postagens vão durar 365 dias. É uma maneira de meditar e uma reflexão de alguns poucos minutos”, comenta. Ao navegar por lá, é possível encontrar tópicos como “combate à mente flácida”, “manter próximo o inimigo” e “faz bem falar do mal” — “o ser humano que não é alienado deve falar e refletir muito sobre o que considera como o mal. Ventilá-lo é a maneira mais suave de vivê-lo”, ele escreve — além de estímulos visuais que induzem a respiração consciente e a prática da inspiração e da expiração.

Escrever sobre sexo e alegria em plena pandemia pode soar estranho, mas Bonder conta que os temas já tinham sido definidos quando o mundo parou, além de terem se mostrado fundamentais para a resistência diante do caos. “Fomos atropelados pela vulnerabilidade. Nasci depois da Segunda Guerra Mundial e, aqui no Brasil, não testemunhei situações limites da natureza, como terremotos”, lembra. Para o rabino, a Covid-19 foi um banho de humildade na Humanidade. “Fazemos parte de uma geração que viveu privilegiada e protegida pelo conhecimento científico. A pandemia nos colocou frente a frente com a nossa própria fragilidade”, reflete. “No futuro, quando a gente contar essa história, vamos lembrar que não foi ficção científica.” e